

O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO COMO AGENTE DE (DES)COLONIALIDADE DO SABER

Alejandra Aguilar Pinto*

RESUMO

Este trabalho integra a tese de doutorado, cujo tema geral é o impacto das TICs (Internet) na identidade/diversidade cultural dos povos indígenas e a responsabilidade social-cultural do profissional de informação (principalmente bibliotecário) no resgate/recuperação/difusão dos saberes/conhecimentos de grupos ?não-hegemônicos?, como são os povos indígenas. Este documento começa descrevendo a origem das ciências sociais, âmbito em que surgiram as disciplinas base da Ciência da Informação, como são a biblioteconomia, arquivologia, etc. o que a sua vez influenciou o desenvolver desta ciência na América Latina, enfocando-se no papel social-cultural da Ciência de Informação, na sua preocupação no resgate/recuperação dos saberes ?subalternos?. Apresenta-se assim a responsabilidade social-cultural do profissional da informação, respeito de setores da sociedade por muito tempo não considerados como usuários (reais ou potenciais) de serviços/produtos de informação e, portanto não tendo em conta suas necessidades particulares de informação. Assim este documento tem como objetivo principal questionar e re-considerar a responsabilidade social do profissional da informação, desde a perspectiva de diversas correntes de pensamento contemporâneas, como são o Multiculturalismo, os Estudos Culturais e principalmente a Colonialidade do Poder ou Geopolítica do Conhecimento, esta última uma teoria crítica das ciências sociais, que pretende a formação de um pensamento Outro desde América do Sul. Dentre as conclusões/resultados obtidos: o profissional da informação latino-americano, tem tido até agora uma marcada formação de tendência eurocêntrica, isto é, pautada pelos cânones do pensamento moderno/capitalista/colonial, que invisibilizou os conhecimentos de nossa região latino-americana. Contudo desde começos dos 60, algumas correntes de pensamento (Multiculturalismo, Estudos Culturais, Colonialidade do saber, etc.), impactaram o referencial teórico-prático das Ciências da Informação, assim os pensamentos Outros, a infodiversidade, está sendo de a pouco valorizada principalmente através da criação de novos serviços/produtos de informação que dêem conta de nossa diversidade cultural.

Palavras-chave: Profissional da Informação. Responsabilidade Sócio-Cultural. Diversidade Cultural. Ciências Sociais.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho integra a tese de doutorado, desenvolvido no âmbito do programa de pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB), cujo tema geral é o impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) (principalmente Internet) na identidade/diversidade cultural dos povos indígenas, enfocando-se no aspecto da

* Doutoranda em Ciência da Informação; Departamento de Informação e Documentação-UnB; Email: ale.unb@gmail.com

responsabilidade social-cultural do profissional de informação (principalmente bibliotecário) no resgate/recuperação/difusão dos saberes/conhecimentos de grupos não-hegemônicos, como são os povos indígenas.

Seu objetivo principal é questionar e re-considerar a responsabilidade social do profissional da informação, desde a perspectiva de diversas correntes de pensamento contemporâneas, como são o Multiculturalismo, os Estudos Culturais e principalmente a Colonialidade do Poder ou Geopolítica do Conhecimento, esta última uma teoria crítica das ciências sociais, que pretende a formação de um pensamento Outro desde América do Sul.

Este documento tem como base teórica a nova reestruturação que está acontecendo no campo das Ciências Sociais, principalmente na América Latina, que põe em questão a hegemonia histórica do pensamento ocidental, que quase eliminou o produzido além de seus territórios, e que no colonialismo significou uma expansão do seu pensamento eurocêntrico.

Afinal, como indica GONCALVES-PORTO (2005, p.10) “apesar dos europeus imporem seu capitalismo em todo parte, isso não quer dizer que sua *episteme* dê conta de toda a complexidade das distintas formações sociais que se constituíram em cada lugar e região do mundo nesse encontro”

Este novo paradigma a *Colonialidade do saber* nos revela,

[que] ainda, que, para além do legado de desigualdade e injustiça sociais profundos do colonialismo e do imperialismo já assinalados pela teoria da dependência e outras, há um legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das *epistemes* que lhe são próprias. (GONCALVES-PORTO, 2005, p.10)

Como nos disse Walter Mignolo, o fato de os gregos terem inventado o pensamento filosófico, não quer dizer que tenham inventado O Pensamento. O pensamento está em todos os lugares onde os diferentes povos e suas culturas se desenvolveram e, assim, são múltiplas as *epistemes* com seus muitos mundos de vida. Há, assim, uma diversidade epistêmica, que comporta todo o patrimônio da humanidade acerca da vida, das águas, da terra, do fogo, do ar, dos homens. (apud GONCALVES-PORTO, 2005 p.10-11)

Neste contexto questionasse o papel do profissional da informação, principalmente aquele encarregado de unidades de informação ou dedicado ao ensino/pesquisa no campo, quem muitas vezes desenvolveu atividades com uma forte tendência eurocêntrica, isto é, oferecendo e criando serviços/produtos de informação com uma lógica ocidental, sem observar a simultaneidade dos diferentes lugares na conformação de nosso mundo, sem considerar as *epistemes* próprias daqui, pois “em *nostra América* mais que hibridismos há que

reconhecer que há pensamentos que aprenderam a viver *entre* lógicas distintas, a se mover *entre* diferentes códigos e, por isso, mais que multiculturalismo sinaliza para interculturalidades” (GONCALVES-PORTO, 2005, p.13.)

Assim procura-se estudar a informação-conhecimento desde uma perspectiva latino-americana, isto é, marcada pelo processo colonial-capitalista e eurocêntrico, que profundamente marcou o produzido nestes locais, porém, existindo já antecedentes de uma resposta “contra-hegemônica” desde que se foi formando um pensamento próprio latino-americano, com autores que surgiram antes e depois das independências políticas nacionais ou na sua posterior luta contra o imperialismo surgido após o final da Segunda Guerra Mundial. (Martí, Mariátegui, Fanon, Bonfill, Dussel, Quijano, etc).

Neste contexto o profissional da informação tem estado numa disjuntiva, pois no nosso continente, existiram vozes que desenvolveram um perfil desta região, com diversas teorias próprias como a teoria do desenvolvimento, a teoria da dependência, o post-colonialismo, a teologia da libertação, etc. Contudo, teve uma formação desde o nível universitário de marcada influência eurocêntrica e das nações do Norte, recebendo um ensino que não considerava ou desqualificava os conhecimentos sociais daqui.

A hegemonia do mundo ocidental, ao considerar-se a base do conhecimento mundial, viu-se fortalecida logo com o final da Guerra Fria, tentando uma homogeneização baseada na economia liberal e transnacional, onde a informação através das redes telemática passou a ser um recurso estratégico de dominação e uniformização.

Assim surgem as seguintes questões, que se tentam analisar/conhecer neste documento:

- Qual é o papel do profissional de informação latino-americano, ou de outras regiões como a (Ásia, África, etc.) que passaram por processos históricos muito parecidos (Colonialismo, Imperialismo, etc.), como fornecedores, produtores e difusores de informação? - Existe uma informação social-cultural “própria”? Como esta se tem formado? - Qual é o nível de engajamento do profissional de informação com o povo, isto é com os setores sociais “sub-alternos” ou não identificados com a ideologia neo-liberal?

2 CIÊNCIAS SOCIAIS /HUMANAS, EUROCENTRISMO E PERSPECTIVAS LATINO-AMERICANAS.

As Ciências Sociais (C.S.) “tem como substrato as novas condições que se criaram quando o modelo liberal de organização da propriedade, do trabalho e do tempo deixaram de

aparecer como uma modalidade civilizatória em disputa com outras [...], e adquiriu hegemonia como única forma de vida possível”. (LANDER, 2005, p.32)

Esta situação teve como centro a Europa, onde aconteceu a Revolução Industrial, com todas suas conseqüências sociais, políticas e culturais.

Esta cosmovisão constituiu o eixo articulador a idéia de modernidade, noção que captura quatro dimensões básicas:

[...] a visão universal da história associada à idéia de progresso (a partir da qual se constrói a classificação e hierarquização de todos os povos, continentes e experiências históricas) 2.a “naturalização” das relações sociais como da “natureza humana” da sociedade liberal-capitalista, 3.a naturalização ou ontologização das múltiplas separações próprias dessa sociedade, 4.a necessária superioridade dos conhecimentos que essa sociedade produz (“ciência”) em relação a todos os outros conhecimentos. (LANDER, 2005, p. 33)

Portanto, as C.S. se constituem como tais num contexto espacial e temporal: em cinco países liberais industriais na segunda metade do século passado (Inglaterra, França, Alemanha, a Itália e os Estados Unidos). No corpo disciplinar básico das C.S. estabelece-se em primeiro lugar uma separação entre o passado e presente. Assim a disciplina *história* estudara o passado, enquanto se definem outras especialidades que correspondem ao estudo do presente. Ex. a antropologia e os estudos clássicos definem-se como o campo para o estudo dos *outros*.

Desta forma Lander (2005, p. 34) indica que da constituição das disciplinas científicas que se produz na academia ocidental há que destacar dois assuntos fundacionais e essenciais:

Em primeiro lugar a suposição da existência de um metarrelato universal que leva a todas as culturas e todos os povos do primitivo e tradicional até o moderno. A sociedade industrial liberal é a expressão mais avançada desse processo histórico. Em segundo lugar, e precisamente pelo caráter universal da experiência histórica européia, as formas do conhecimento desenvolvidas para a compreensão dessa sociedade se convertem nas únicas formas validas, objetivas e universais de conhecimento.

Assim acontece uma “construção *eurocêntrica* do conhecimento, que pensa e organiza totalidade do tempo e do espaço para toda a humanidade do ponto de vista da própria experiência, colocando sua especificidade histórico-cultural como padrão de referencia superior universal”.(LANDER,2005, p.34.)

-As C.S. no mundo ex-colonial.

As C.S. na América Latina serviram mais para o estabelecimento de contrastes com a experiência histórica universal (normal) da experiência européia (ferramentas neste sentido de

identificação de carências deficiências que tem de ser superadas), que para o conhecimento dessas sociedades a partir de suas especificidades histórico-culturais.

Afirmando o caráter universal dos conhecimentos científicos eurocêntricos abordou-se o estudo de todas as demais culturas e povos a partir da experiência moderna ocidental, contribuindo para negar, ocultar, subordinar ou extirpar toda experiência ou expressão cultural que não correspondia a esse dever ser que fundamenta as C.S.(LANDER,2005, p.36)

Portanto, as C.S. na América Latina desde o começo não tiveram uma independência dos saberes que se constituíram na Europa, adaptaram as mesmas pautas de classificação para os conhecimentos daqui, localizando-os numa escala hierárquica evolutiva e “continuadora”, ao serviço das nações colonialistas.

- América Latina e as Ciências Sociais.

“O ambivalente discurso latino-americano, em sua rejeição à dominação européia, mas em sua internalização de sua missão civilizadora, assumiu a forma de um processo de auto-colonização, que assume distintas formas em diferentes contextos e períodos históricos” (CORONIL apud LANDER, 2005, p.37) Esta afirmação confirma o “conflito” que enfrentavam os intelectuais desta região, que logo de haver conseguido a independência política das metrópoles, ainda continuou um tipo de colonialismo, que alguns autores latino-americanos na década dos 60 denominaram “Colonialismo Interno”, isto é, a continuação de práticas políticas, sociais, e, sobretudo cultural-ideológicas de tipo colonial, mas a nível interno. (STAVENHAGEN e BONFILL). Impede-se assim a possibilidade de lógicas culturais ou cosmovisões próprias. Ao colocá-las como expressão do passado, nega-se sua contemporaneidade.

Profundamente arraigado a noção do moderno, o padrão cultural ocidental e sua seqüência histórica como normal ou universal, este imaginário conseguiu constranger uma alta proporção das lutas sociais e dos debates políticos intelectuais do continente latino-americano.

2.1. A Ciência de Informação e o aspecto político social cultural.

A definição de informação pode ter diversos significados ou interpretações. Pode ser vista como um produto, insumo ou resultado de alguma atividade. Contudo, a informação pode também ser incluída num contexto eminentemente social, que implica a interação entre seres humanos. Assim a informação pode ser entendida como uma “prática social que envolve ações de atribuição e comunicação de sentido. (Recepção- Geração)”(ARAUJO 2001, p.1)

Receber, gerar e transferir informações sobre si mesmo e sobre o mundo são atividades chaves da vida humana. Através dessas ações ele constrói e reconstrói seu projeto

de civilização. Assim no nível das sociedades históricas, a produção e a reprodução de artefatos culturais realiza-se a partir do modo informacional. Nessas sociedades toda prática social é uma prática informação pois toda interação humana pressupõe recepção, geração ou transferência de informação.

Este projeto de civilização, que se impus desde tempos da colonização, pode ser criticado, criando algo próprio, através de práticas informacionais, questionando e reelaborando os padrões de conhecimentos herdados.

3 AS REDES DE MOVIMENTOS SOCIAIS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO E SEU IMPACTO NO CONHECIMENTO HEGEMÔNICO.

A informação social, neste trabalho adquire um significado político e cultural, pois é entendida como aquela que surge na interação, diálogo ou comunicação entre diversos agentes, interessados na solução ou melhora de algum tipo problema, no qual a informação é o aspecto chave. Estes agentes inserem-se no contexto comunicativo em rede, podendo ou não estar “apoiadas” pelas tecnologias de informação e comunicação (TICs). Porém, o que fundamenta seu funcionamento são as *redes sociais*, cuja base fundamental é o ser humano e sua principal característica, que é a sua capacidade de comunicação em grupo ou individual.

Aqui também o aspecto político é chave, para o logro de seus objetivos; assim é necessário conhecer brevemente, alguns aspectos teóricos dos movimentos sociais, que permitiram articular e unir as forças de algumas redes sociais.

3.1 Antecedentes dos Movimentos Sociais.

Os movimentos sociais sempre existiram, pois “representam forças organizadas que aglutinam as pessoas não como força-tarefa, de ordem numérica, mas como campo de atividade e de experimentação social” (GOHN, 2003, p.14).

Contudo os primeiros referenciais teóricos clássicos estiveram baseados no histórico das revoluções (equivalência entre movimento social e movimento revolucionário), mobilizações de massa incentivadas por grupos que visavam o poder. O enfoque mudou com o sociólogo francês Touraine na década 60, quem iniciou a elaboração de uma reconstrução histórica do modelo clássico de “movimentos sociais”. Segundo TOURAINE (1978, p.35) os movimentos sociais até então estavam associados à idéia de revolução e foi essa associação que deu origem a uma clara orientação tática para o poder, a violência e o controle. Assim Touraine os questionou e propôs novas táticas, e formas de organizar-se.

No transcurso histórico da teoria dos movimentos sociais, estes passaram a ser estudados por duas teorias principalmente: a *Teoria dos Novos Movimentos Sociais* (TNMS)- inserida no paradigma europeu e ligada à crítica marxista mas baseada em aspectos como relevância atribuída aos sujeitos sociais e às utopias coletivas no processo de emancipação social- e a *Teoria da Mobilização de recursos* (TMR)- com base em norte-americana com uma tradição funcionalista da análise da ação coletiva (SCHERER-WARREN, 2001, p.434)

Respeito a T.N.M.S Touraine e Melluci forneceram as novas idéias, este modelo estaria baseado na cultura, centrada no discurso dos integrantes como expressões de práticas culturais. Os antigos estudos sobre lideranças e organizações foram resgatados e ganharam destaque. Os atores sociais começaram a ser analisados sob dois aspectos: *por suas ações coletivas e pela ideologia coletiva criada no processo*. A identidade passou a ser considerada parte constitutiva dos movimentos, sendo que os movimentos sociais cresciam em função da defesa dessa identidade.

GOHN indica que:

Os Novos Movimentos sociais usam a mídia e as atividades de protestos para mobilizar a opinião pública a seu favor, como forma de pressão sobre os órgãos e as políticas estatais. Por meio de ações diretas, buscam promover mudanças nos valores dominantes e alterar situações de discriminação, principalmente dentro de instituições da própria sociedade civil. (GOHN, 2003, p.125)

GOHN destaca as novas formas de manifestação coletividade; que para Touraine é o sujeito coletivo com fortes bases culturais.

[Assim] [...] as novas contestações não visam criar um novo tipo de sociedade, mas ‘mudar a vida’ defender os direitos do homem, assim como o direito à vida para os que estão ameaçados pela fome e pelo extermínio, e também o direito à livre expressão ao a escolha de um estilo e de uma história de vida pessoas. (1998, p. 262).

Logo os movimentos sociais do início do século XXI segundo GOHN (2003, p.28) terão dois traços característicos: 1. são essencialmente mobilizados em torno de valores culturais, em torno da mudança de códigos de significados nas instituições e na prática da sociedade; e 2. tentam preencher o vazio deixado pela crise das organizações verticalmente integradas, herdada da Era Industrial.

3.1.1 Os movimentos sociais na América Latina, características.

Segundo Vargas nos movimentos sociais latino-americanos:

A sociedade civil teve um papel importante nos estados autoritários desde a sua emergência nos 70. A mobilização desta sociedade começou a demandar nos últimos anos dos 70 uma sociedade mais democrática e abertura política, estas demandas se abriram aos movimentos laborais e aos partidos políticos. (VARGAS-HERNANDEZ, 199?, p .2)

No início dos 90 os movimentos sócias na América Latina com a chegada da democracia representativa deslocaram o eixo das reivindicações populares, enfatizando questões éticas na política, nas ações cívicas, nos espaços públicos e privados (GOHN, 2003).

Segundo GOHN ha uma diferença chave com outros países, pois aqui existe uma maneira especial de usar os meios de comunicação como ferramenta de luta.

3.2 A rede de movimentos sociais (R.M.S)

Desde que foram identificados os movimentos sociais no século XIX, estes passaram na sua evolução por diferentes mudanças no que se refere a sua estrutura e estratégias de ação. Poderia considerar-se assim as redes de movimentos sociais um tipo de organização e estratégia para fazer frente às demandas dos seus participantes, para a conquista dos seus objetivos.

MARTELETTO (2001, p.2) propõe uma definição deste tipo de estrutura/estratégia social:

São entendidas como uma vasta e indefinida teia formada pelos elos de contato entre agentes situados em diferentes posições no espaço social, de acordo com sua inserção de classe e de pertencimento a determinados campos- o comunitário, o filantrópico, o político, o religioso, o pedagógico, o acadêmico, das ONGs.

Logo faz uma vinculação com o aspecto informacional, indicando “do ponto de vista informacional, as teias sociais e estruturais dessas redes revelam as mediações cognitivas e comunicacionais presentes nas ações, representações e interações dos agentes” (MARTELETTO, 2001 p.2). Neste contexto a informação e cultura adquirem significados, “como recurso simbólico, a cultura é ‘reservatório’ ou ‘repertório’ de práticas e referentes internos ou externos ao espaço social [...] que os agentes mobilizam em função de diferentes situações [...]”

4 AS IDEOLOGIAS DA “DIVERSIDADE/HETEROGENEIDADE”: ALGUMAS APROXIMAÇÕES TEORICAS.

Os primeiros movimentos sociais estiveram vinculados a demandas de tipo social, econômica e política, sendo estas últimas umas das mais difíceis de conseguir, o qual o

demonstra o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos na década dos 60, o qual tinha também um forte caráter cultural. Desde aquele tempo se começou a gestar de forma mais institucionalizada algumas correntes de pensamento que foram digamos de forma paralela às duas principais ideologias que dividiam o mundo na chamada Guerra Fria (Comunismo e Capitalismo). A continuação algumas características destas “ideologias” político-culturais.

4.1.O Multiculturalismo

É um termo que pode ser entendido desde diversas perspectivas: filosóficas, políticas, sociais e culturais. Têm seguidores a seu favor e outros em contra, pois implica o trato das diferenças culturais através de diversas medidas, principalmente políticas.

O multiculturalismo é, sobretudo um tema de fins do século 20, um conceito que se foi formando pelas mobilizações sociais de grupos que viram seus direitos humanos, como de liberdade e igualdade não considerados, e mascarados por fenótipos raciais.

CHIAPPINI (2001, p.1) nos indica algumas das conotações:

Pode ser visto como uma ideologia, a do politicamente correto, aspiração, desejo coletivo de uma sociedade mais justa e igualitária no respeito às diferenças. Uma consequência das intensificações das migrações em escala global, ou como uma militância [...] das chamadas minorias, no âmbito legal, político, cultural e econômico.

Segundo esta autora costuma ligar-se este fenômeno como algo típico dos Estados Unidos, porque esta nação ao parecer teve as condições favoráveis a sua eclosão “históricas, demográficas e institucionais”. Contudo, há outros países que não necessariamente têm as mesmas características, mas que segundo Andrea Semprini em seu livro *Multiculturalismo* permitiram seu surgimento, sendo, por exemplo: a existência de instituições democráticas, de uma economia industrial em vias de globalização e de uma população heterogênea, também têm este fenômeno. Entre esses países estão o Canadá, Austrália, México e o Brasil, especialmente pela presença de “minorias nacionais autóctones” por muito tempo discriminadas.

Desde que o multiculturalismo surgiu nos países do Norte, diversas interpretações e aplicações dele aconteceram, algumas com sucesso e outras em questionamento. Contudo há que reconhecer, como se indicou, que este pensamento tem diversas interpretações/aplicações de autores vinculados a diversas disciplinas, como é o caso de SIQUEIRA que num artigo publicado no Jornal “*A Razão*” (2003) intitulado “*Multiculturalismo: tolerância ou respeito*”

indica uma visão “imparcial” do Multiculturalismo surgido, em uma situação de “relações sociais intensificadas”, para ele seria , então :

[...] a nova cultura do espaço global, uma cultura dinâmica que se refaz com e através dos fluxos globalizantes, modificado e reconstruindo as interações e colocando como desafio a conciliação de uma diversidade de costumes, concepções e valores, sem o perigo de se excluir as formas diferentes de se manifestar. (SIQUEIRA, 2003, p. 1)

Este autor identifica duas principais tendências, o *Multiculturalismo Conservador* que busca a conciliação das diferenças com base no mito da harmonia. Citando a Bhaba adverte sobre o que implica harmonia, que só é alcançada em condições tácitas de normas sociais construídas e administrada pelo grupo dominante. Sob esta visão o multiculturalismo encoraja a tolerância, o que não é acolher, envolvimento ativo com o outro, mas um reconhecimento simplificado do outro, há um reforço do sentimento de superioridade, mais suportando a existência do outro e de seu pensamento /ação diferentes. (SIQUEIRA, 2003, p.1)

De outro lado, estaria o *Multiculturalismo Crítico* (denominado também de revolucionário, ou emancipatório ou contra-hegemônico) tendo por base a política cultural da diferença, ressaltando o problema da ausência de muitas vozes que foram caladas pelas metanarrativas da modernidade. Assim esta corrente questiona o monoculturalismo, baseando-se no respeito ao ponto de vista, às interpretações e atitudes do outro. O respeito pelo outro, não inclui a força, violência ou dominação, mas sim o diálogo, o reconhecimento e negociação das diferenças. (SIQUEIRA, 2003, p.1-2)

Cabe perguntar-se como SEMPRINI (apud CHIAPPINI, 2001, p.2-3) “Por que agora? Por que o multiculturalismo, de repente, toma moda e objeto de polêmicas tão violentas?. A resposta dele passa por uma análise das transformações por que passou e passa a sociedade norte-americana, sobretudo a partir dos anos 60, quando se processa o movimento pelos direitos civis, contra a segregação racial. Desde aquele tempo então estariam os antecedentes, por uma abertura multicultural, de reconhecimento de direitos das chamadas minorias e da luta pelos seus direitos.

Respeito à Ciência de Informação, cabe perguntar-se também sobre o impacto desta ideologia. Uma fonte de informação que reflete muito bem isto é a *Library of Information Science Abstract* (LISA), base de dados com uma forte produção dos países do Norte, assim desde começos dos anos 60, diversas experiências práticas são relatadas, demonstrando a influência deste pensamento, sobretudo em nações como nos Estados Unidos e o Canadá. Assim diversos produtos/serviços de informação foram criados para setores da população com características sociais culturais específicas como seriam por exemplos, os povos indígenas.

No caso da América Latina a produção neste campo, é praticamente nula, em geral as bibliotecas (do tipo que for) não têm dado a importância devida a outros setores de usuários com necessidades de informação particulares. Só existem algumas propostas neste último tempo de considerar a chamada diversidade cultural e pelo impacto das TICs, tendo mais prioridade ultimamente, os programas de inclusão digital (alguns com enfoque social-cultural)

4.2 Os Estudos Culturais.

Os Estudos Culturais (E.C.) constituem principalmente um questionamento ao pensamento hegemônico das ciências sociais, no aspecto cultural, uma “corrente de pensamento” que pretendeu “dar voz” aqueles setores que foram excluídos da “cultura oficial”, o contexto histórico em que surgiram foi a fins da Segunda Guerra Mundial e durante o surgimento da chamada Indústria Cultural. Autores como jamaicano Stuart Hall e o inglês Thompson, questionaram a hegemonia dos meios de comunicação, e a criação de uma cultura massiva sem a suposta capacidade de questionamento ou reflexão por parte do povo.

Esta cultura “alternativa” do povo ou cultura popular, mas com diversas características particulares, como de gênero, idade, etnia, etc. possuía toda uma bagagem cultural, mas que não era veiculada pelos *mass mídia* tradicionais, só veio em certa forma a mudar com as tecnologias de redes, sendo a principal a Internet, que possibilitou um diálogo interativo e oportunidade de veicular informações próprias, mas que até os dias de hoje não se tem democratizado, isto é, permitindo um acesso livre e sem custo, como praticamente á a televisão ou rádio.

- Os estudos culturais latino-americanos.

Desde América Latina os E.C. surgiram a “sua maneira”, isto é, com um desenvolvimento singular, cujo o foco principal tem sido a relação Comunicação e Cultura (proposta de análise cultural da comunicação), procurando determinar nas práticas sociais o aspecto cultural.

Os pesquisadores daqui contribuirão ao debate, questionando e criticando o desenvolvimento cultural desta região impactada por diversos fenômenos sociais externos, como as Indústrias culturais, a intensificação da globalização econômica, eletrônica e cultural, etc.

Respeito aos autores latino-americanos principais, Escosteguy indica que há vários, porém os mais citados e destacados são Jesus Martin-Barbero e Garcia Canclini.

- Principais características dos E.C. na América Latina.

A diferença da Europa aqui a institucionalização deste campo tem sido precário, mas acontece uma grande diferença, seu *engajamento político*. Os E.C. latino-americanos surgem entrelaçados com diversos processos sociais internos, como a redemocratização da sociedade e da observação interna da ação dos movimentos sociais da época. Assim os intelectuais têm também uma visão crítica da vida social e cultural da sua realidade. Além disso, a “estruturação” de um nexos histórico e as teorias circulantes no campo ideológico (marxismo ortodoxo), para uma flexibilidade desta lógica marxista (marxismo gramsciano), produziu um redesenho das relações entre cultura e a classe social, acontecendo um (re) descobrimento das culturas populares e identidades. (ESCOSTEGUY, 2001, p.44)

Aqui existiria por tanto uma nova proposta dos E.C., que não assumiria propriamente a denominação de E.C., que tem como eixo, ou características:

A apropriação, isto é, a ativação da competência cultural das pessoas, a *socialização* da experiência criativa e o *reconhecimento* das diferenças, isto é, a afirmação da identidade que se fortalece na comunicação- feita de encontro e conflito- com o outro. A comunicação na cultura deixa, então, de ter a figura do intermediário entre criadores e consumidores, para assumir a tarefa de dissolver essa barreira social e simbólica, descentrando e desterritorializando as próprias possibilidades da produção cultural e seus dispositivos (BARBERO apud ESCOSTEGUY, 2001, p. 47).

Assim poderia ser uma característica chave desde os começos dos E.C. latino-americanos a sua forte experiência do popular vinculado ao espaço da comunicação, portanto, com uma tendência de mudança social, que segundo a autora nestes últimos tempos se vêm atenuando, isto e, os laços políticos dos E.C. latino-americanos.

Finalmente sobre a situação dos E.C. latino-americanos no panorama mundial, Escosteguy ressalta que estes representam “um acréscimo” , exatamente por perceberem alterações nas relações entre os Estados nacionais, mercados e meios de comunicação.

[...] os estudiosos latino-americanos [...] propõem categorias analíticas como o sincretismo, a hibridação e a mestiçagem [...] para clarificar processos de apropriação, adaptação e vocalização culturais na mediação entre prática cultural, cultura popular, meios de comunicação democráticos e política. (GOLDING E FERGUSON apud ESCOSTEGUY, 2001, p. 51)

A relação entre Ciência de Informação e os E.C., é muito parecida com o acontecido no multiculturalismo, isso fica refletido na produção bibliográfica no campo, que em geral “dá pouca voz” a setores não-hegemônicos, como são as culturas populares, minorias étnicas, sexuais, etc. Contudo, existe alguma influência, em alguns profissionais de informação, que

consideraram os movimentos sociais de tipo cultural, os quais constituem uma fonte de informação e um setor com demandas próprias.

4.3 A (des)colonialidade do poder, do ser, do saber.

Esta proposta de pensamento está associada intimamente com os movimentos sociais indígenas, que começaram a adquirir destaque desde o fim da Guerra Fria. Esta proposta surgiu na América Latina, assim há que pensar a (des)colonialidade desde as lutas sociais, principalmente indígenas, que estão acontecendo no sul da América, em países como no Equador e a Bolívia.

A (des)colonialidade implica a mudança de diversos aspectos estruturais e ideológicos (epistêmicos) dominantes da sociedade latino-americana, mas também podem ser de outras que passaram pelo colonialismo ou imperialismo, como por exemplo, re-fundar e descolonizar o Estado, repensar a teoria política, social, cultural, e informacional. Neste último caso, considerando uma *geopolítica do conhecimento*, que tem em conta a relação entre conhecimento, modernidade e colonialidade.

Assim a (des)colonialidade é um eixo de luta, uma atitude, um projeto e posicionamento político, social e epistêmico que procura emancipar o povo sujeito à colonialidade [...] e ante outras estruturas, instituições e relações de subjugação.(WALSH, 2008)

O principal foco de estudo de análise aqui é a *matriz colonial*, isto é, as práticas políticas, econômica, sociais e culturais coloniais que ainda se mantêm, em outras palavras um tipos de colonialismo interno, mas como entendê-la? Esta matriz tem 4 eixos fundamentais através dos quais se expressa:

- a colonialidade de poder: manifestado no uso da raça como critério fundamental para a distribuição da população em graus, locais e papéis sociais, e com uma ligação estrutural à divisão do trabalho. (QUIJANO apud WALSH,2005, p.19)
- a colonialidade do saber: que descarta a outra racionalidade epistêmica. (os saberes ‘outros’, como são os conhecimentos tradicionais indígenas)
- a colonialidade do ser: através da inferiorização, subalternização e desumanização do outro.
- a colonialidade da Madre natureza/Vida: pela divisão binária entre a natureza/sociedade que descarta o mágico-social, a relação milenária entre mundos biofísico, humano e espiritual.

Surge assim uma proposta de um paradigma distinto, um tipo de pensamento crítico, denominado um pensamento “Outro”, cujo propósito é a descolonização e a (des)colonialidade dos aspectos antes mencionados, (WALSH, 2005 ,p.15-16) pensando desde América Latina.

Assim como o postcolonialismo surgiu em alguns países ex-colônias (principalmente inglesa ou francesa), ou foi desenvolvido por escritores nativos nas mesmas nações colonialistas, ex. Edward Said na Inglaterra, Bhaba nos Estados Unidos, etc. Aqui na América Latina tem acontecido uma *inflexão (des) colonial*: isto é, uma comunidade de argumentação, desde países latino-americanos e\ou escritores latinos em Estados Unidos, que tem como principal temática o poder, como problemática da colonialidade/singularidade. Procurando novos projetos ou intervenções para problematizar o conhecimento oficial acadêmico (colonialidade do saber, subalternidade, silenciamento).

É importante assim ter em conta a diferença dos termos Colonialismo e Colonialidade (termo pós-colonial), porém ambos estarem relacionados. No primeiro caso este surgiu muito antes da conquista da América, pois outras terras já tinham sido colonizadas (é o caso da África), porém, aqui na América teve também um caráter mais opressivo, destrutor e de subalternização.

A Colonialidade é algo que se manteve no tempo, internamente nas nações logo da sua “independência”, que como já se indicou manteve práticas parecidas na política, na cultura e no econômico como no colonialismo. A (des)colonialidade pretenderia subverter estas práticas, procurando a criação de uma política, economia e cultura na América Latina.

5 O PROFESSIONAL DA INFORMAÇÃO E SEU PAPEL NO RESGATE/RECUPERAÇÃO DO SABERES “NÃO-HEGEMONICOS”.

O profissional da informação, incorporando todos aqueles segmentos profissionais que trabalham com o recurso informação (jornalistas, bibliotecários, arquivistas, etc.) estão associados à atividade de organização, controle e difusão de informação. Porém, com diversos graus tem considerado ao usuário/cliente quem é o elemento chave do ciclo informacional.

Desde já faz um tempo está acontecendo uma mudança paradigmática no objetivo destas profissões da informação, passando desde o foco das coleções ao usuário, o que tem sido mais patente e assumido pelos bibliotecários.

Assim ante o avanço das tecnologias, da interdisciplinaridade e a transdisciplinariedade, o bibliotecário passa a ser um “ser humano multifacetado que além do (resguardo) preservação da memória humana, [não deve] perder de vista o objetivo principal de disseminação da informação” (CARVALHO,2002, p.1)O “[...]bibliotecário cada vez mais é o mediador entre a informação e o usuário, representando o elemento humano nas relações com o meio no mundo em transformação[...]” (CARVALHO,2002, p.6)

Neste período histórico, a Sociedade da Informação, o usuário adquiriu cada vez mais uma autonomia e liberdade para obter informações, além das bibliotecas físicas, hoje os *mass média*, constituem uma fonte válida e inclusive mais rápida e acessível, assim o bibliotecário deve ter em conta que “ [...] a informação [...] deve ser comunicada desde aqueles que a tem para aqueles que a necessitam [...], [pois] as linhas divisórias entre o bibliotecário, o pesquisador e o editor são cada vez mais flexíveis para a captura da informação necessitada” (LUCAS apud CARVALHO, 2000, p.38)

Contudo apesar desta autonomia e independência, o usuário em geral não tem desenvolvido as habilidades, competências e inclusive a capacidade de crítica ou filtro das informações recebidas, desta forma o bibliotecário tem o dever ou desafio de criar no seu usuário essa visão questionadora e de seleção da informação obtida nas suas pesquisas. Desta forma o bibliotecário se converterá em um agente que já não “ensinara” como antes, mas mediará nessa massa de informações, ademais de serem “ (...) *animadores da inteligência coletiva dos cidadãos* (...) oferecendo ferramentas intelectuais para que os indivíduos cooperem e produzam conhecimentos em grupo” (TARAPANOFF, 2002, p.4)

Desde uma visão “macro” social e da educação, os bibliotecários têm o desafio na “[...] formação de uma *Cultura Informacional*(...), a *alfabetização informacional* e o *Infoaprendizagem*” (TARAPANOFF, 2002, p.3) . Esta orientação social e cultural aponta a desenvolver uma sociedade baseada na informação, isto é, que veja seu valor para a tomada de decisões, sendo, portanto necessário para isso uma educação para os meios, que são uma via para o acesso à informação, precisando o usuário desenvolver capacidades para a seleção, escolha, crítica do obtido.

Alguns autores têm proposto que “não é suficiente [...] mensagem esteja intencionalmente dirigida ao acesso, mas que atinja as geografias semânticas do receptor, compatíveis com sua compreensão e aceitação” (BARRETO apud TARAPANOFF, 2002, p.4), o que implicaria o seguimento do usuário até a etapa última da sua pesquisa, isto é, se ele conseguiu atingir ou solucionar seu objetivos informacionais.

São pouquíssimos os autores latino-americanos que têm dado importância diretamente ao aspecto da identidade/diversidade cultural da nossa região, pois aqui apesar da globalização hegemônica ocidental, é uma região com uma rica *diversidade cultural sincrética/híbrida* e inclusive com manifestações autênticas; assim a comunidade bibliotecológica deveria assumir o compromisso de resgatar, recuperar e estimular a criação e difusão dela, dar visibilidade e fomentar seu uso. No caso do “*conhecimento bibliotecológico* fazer o mesmo, somar se a teoria universal da disciplina” (MORALES, 2006, p.328)

CIVALLERO (2006, p.4) bibliotecário latino-americano “por opção”, é um dos poucos autores que valoriza o aspecto social-cultural, assim para ele livro e a biblioteca:

[...] podem recuperar identidades locais em plena desapareição, culturas minoritárias destruídas e tradições orais que se perdem diariamente. Podem informar sobre como solucionar problemas básicos de saúde e meio ambiente, e como defender direitos e assumir deveres. Podem fornecer elementos que muitos povos não tiveram em cinco séculos de história. Em especial, podem seguir cortando correntes e liberando mentes. Não são uma melhoria miraculosa para todos os problemas, mas são o detonante dessa cura...se são corretamente empregados.

O anterior esta fortemente ligado à responsabilidade social, a qual “começa por reconhecer que o trabalho começa em casa” (CIVALLERO, 2006, p.6). Pois cada profissional tem um dever ético com a sua própria sociedade, superando as visões teóricas afastadas da sua realidade local, dando prioridade aos problemas reais, evitando modelos importados que não se ajustam às necessidades e características do usuário final, e finalmente tendo em conta a nossa escassa formação universitária em aspectos populares e sociais.

Portanto, é preciso ser *agentes sociais-culturais ativos*, desenvolvendo diversas estratégias de atuar profissional: pesquisa ativa, observação participante, pesquisa-ação, histórias de vida. (CIVALLERO, 2006, p.6).

Trata-se de integrar-se no problema, sentir na pele as dificuldades dos outros. Civallero propõe que nossa responsabilidade social tenha como fundamento o *desenvolvimento de base*: que necessita? Que se deseja fazer? Como fazê-lo? Com que objetivo? Que futuro se deseja construir? Serve o que se tem ou o que se quer dar?(CIVALLERO, 2006, p.6 -7)

Finalmente Civallero (2006, p.8) ressalta “que todas as palavras que se digam sobre a responsabilidade social do bibliotecário são belas, mas, se não se baseiam em um conhecimento profundo da realidade à que se referem, ou não estão vinculada ao trabalho real, carecem de significado [...]”.

Portanto, palavras chave que definiriam esta responsabilidade social seriam: consciência, compromisso, engajamento, luta, todas visando a uma melhoria e valorização da nossa própria realidade local, tanto no aspecto social e cultural.

6 CONCLUSÕES

O Profissional da Informação no transcurso da sua formação não ficou fora do acontecido na institucionalização das ciências sociais e humanas, as quais foram importadas para a América Latina desde Europa, exercendo uma influência decisiva nos conhecimento

que se criariam aqui. Contudo, este continente demonstrou também uma capacidade de questionamento, crítica e criação de novos saberes, como se demonstrou nas diversas correntes político-ideológicas e culturais que começaram a surgir após a independência. (Teologia da Libertação; Dependentismo, Postcolonialismo, Cepalismo, Estudos Culturais, Colonialidade do poder, etc.).

As perguntas iniciais feitas - Qual é o papel do Profissional de informação latino-americano, ou de outras regiões como a (Ásia, África, etc.) que passaram por processos históricos muito parecidos (Colonialismo, Imperialismo, etc.), como fornecedores, produtores e difusores de informação? - Existe uma informação social-cultural “própria”? Como esta se tem formado? - Qual é o nível de engajamento do profissional da informação com o povo, isto é com os setores sociais “sub-alternos” ou não identificados com a ideologia neo-liberal?

Em parte podem ser respondidas, pois ainda são escassos os profissionais da informação engajados na temática social-cultural que procurem o resgate/recuperação de nossos conhecimentos. No panorama internacional a realidade nossa está fortemente influenciada pelo pensamento multicultural, que como se viu, é uma ideologia do Norte, que tentou uma “solução” tardia à discriminação e marginalização de setores da população por fatores principalmente raciais. Assim os bibliotecários tentaram adaptar estas medidas nos seus serviços/produtos de informação, o qual há que reconhecer e valorizar pela boa intenção, mas ainda são pouquíssimas estas situações.

Sobre a existência de uma informação social-cultural “própria”, em parte já existe como o demonstrou o capítulo das redes de movimentos sociais, que na América Latina adquiriram uma importância chave para a democratização e acesso da sociedade civil a seus direitos humanos, como é o da informação. Este fato demonstra que nesta informação sócio-cultural tem um papel fundamental a sociedade, isto é, o povo que necessita e cria informação.

Finalmente, o nível de engajamento do profissional da informação com o povo, isto é, com os setores sociais “subalternos”, é uma situação escassa, pois a maioria destes profissionais procuram outros espaços para oferecer seus produtos/serviços de informação. Nesta situação podem influir fatores como a formação de origem, isto é, a orientação da sua universidade, que pode ser mais gerencial, tecnológica ou administrativa; porém, há alguns casos destacados de profissionais que têm esta vinculação social-cultural, por uma vocação de serviço, de inquietação social e cultural, etc.

ABSTRACT

This work is part of the doctoral thesis, whose general subject is the impact of the ICT (mainly Internet) in the identity/cultural diversity of the aboriginal peoples and the social-cultural responsibility of the professional of information (mainly librarian) in the rescue/recovery/diffusion of knowing/knowledge of groups not-hegemonic, as the aboriginal peoples. This document begins by describing the origin of the social sciences, under which appeared disciplines base of the information science, as the librarianship, archivology, etc. what its time influenced developing of this science in Latin America, focusing on the role social-cultural of information science, in its concern for recovering the subaltern knowledge. It presents thus the social-cultural responsibility of the professional of the information, respect of sectors of the society for much time not considered as users (real or potential) of services/products of information and, therefore not having in account its particular needs of information. Thus this document has as main objective to question and to reconsider the social responsibility of the professional of the information, since the perspective diverse of thought contemporaries, as the Multiculturalism, Cultural Studies and mainly the Coloniality of the Power or Geopolitics of the Knowledge, this last critical theory of social sciences, that intends the formation of a thought *Other* since South America. Some conclusions: the professional of the information Latin American, has had one marked formation Eurocentric, that is, guided by the canons of the modern/ capitalist / colonial thought, which deleted the knowledge of our Latin American region. However since starts of the 60, some thought (Multiculturalism, Cultural Studies, Coloniality of knowledge, etc.), impact the theoretician-practical referential of information science, thus the thoughts *Other*, the *info-diversity* are being of little valued, mainly through the creation of new services/information products that give account of our cultural diversity.

Key-Words: Profesional of Information. Social-Cultural. Responsibility. Cultural Diversity. Social Sciences.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Eliany A. A Construção social da informação: dinâmicas e contextos. **DataGramaZero**, v.2, n.5, p.1-9., out. 2001. Disponível em: <http://dgz.org.br/out01/Art_03.htm> Acesso em: 12 mar.2009

CARVALHO, Katia. O profissional da informação: O Humano Multifacetado. **DataGramaZero**, v.3, n.5, p.1-11, out. 2002. Disponível em: <http://dgz.org.br/out02/Art_03.htm> Acesso em: 12 mar.2009

CARVALHO, Isabel C.; KANISKI, Ana L. A sociedade do conhecimento e o acesso à informação: para que e para quem? **Ciência da Informação**, v.29, n.3, p.33-39, set/dez. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n3/a04v29n3.pdf>>. Acesso em: 12 mar.2009

CIVALLERO, E. Responsabilidad social del bibliotecário em América Latina: um [fallido] intento de ensayo. **Biblios**, v.7, n.23, ene-mar, 2006.

CHIAPPINI, Ligia. **Multiculturalismo e identidade nacional**. Texto apresentado no 1 Encontro Fronteiras Culturais e transcrito Revista CULT n.46, São Paulo, junho 2001.

Disponível em : <http://www.celpcyro.org.br/v4/html/multi_identNacional.htm>. Acesso em: 17/07/2007

ESCOSTEGUY, Ana C. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica 2001.

GOHN, Maria da Glória. (org.) **Movimentos sociais no início do século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2003.

GONCALVES-PORTO, C. Apresentação da edição em português. In: LANDER, E, (Comp.) **A Colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p.9-15.

LANDER, Edgardo. In: LANDER, E, (Comp.) **A Colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p.21-53.

MARTELETTO, Regina M. Confronto simbólico, apropriação do conhecimento e produção de informação nas redes de movimentos sociais. **DataGramaZero**, v.2 n.1, p.1-14.2001. Disponível em: <http://dgz.org.br/fev01/Art_02.htm>. Acesso em: 12 mar.2009

MORALES, Estela. Diversidad, pluralidad e información: Uma riqueza multicultural. **Documentación de las Ciencias de la Información**, v. 29, p. 325-334, 2006. Multiculturalismo. Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Multiculturalismo>>. Acesso em: 16 mar.2007

SIQUEIRA, Holgonsi S. **Multiculturalismo**: tolerância ou respeito pelo Outro? . Jornal A Razão , 26 jun. 2003. Disponível em: <<http://holgonsi.sites.uol.com.br/multiculturalismo.html>>. Acesso em : 17/07/2007.

TARAPANOFF, K; SUAIDEN, E; OLIVEIRA, C. Funções sociais e oportunidades para profissionais da informação. **DataGramaZero**, v.3, n.5, p.1-10,out.2002. Disponível em: <http://dgz.org.br/out02/Art_04.htm>

TOURAINE, A. Le voix et le regard. Paris: Seouil, 1978.

VARGAS-HERNANDEZ, José G. **Nuevas expresiones de acción colectiva de los movimientos sociales em Latinoamérica**. II Conferencia Internacional La obra de Carlos Marx y los desafios del siglo XXI. 11f. Disponível em: <http://www.nodo50.org/cubasigloXXI/congreso06/conf3_vargas.pdf>. Acesso em: 10/01/2008

WALSH, C. **Teoria e política na América latina abordagens da “Decolonialidad del Poder”**, Brasília, 24 de out. 2008. Palestra proferida aos alunos do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

WALSH, C. (Re) pensamento crítico e (de) colonialidade. In: **Pensamento critico y matriz (de) colonial**. Quito: Universidad Andina Simon Bolivar, Abya Yala, 2005.

_____. Que saber, que hacer y como ver? Los desafios y predicamentos disciplinares políticos y éticos de los estudios (inter) culturales desde América Andina. In: **Estudios Culturales latinoamericanos**: retos desde y sobre la región Andina. WALSH, C. (Ed.) Equador: Universidad Andina Simon Bolivar; ABYA YALA, 2003. p.11-27.